MIDIA E INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Fabiana Fator Gouvêa Bonilha
Rede Anhanguera de Comunicação
fabiana.ebraille@gmail.com

RESUMO

No presente trabalho, tenciona-se abordar o papel da mídia como veículo favorável à disseminação de idéias e práticas inclusivas, sobretudo em contextos educacionais.

O artigo apresenta um relato de experiências vivenciadas por uma pessoa com deficiência visual, destacando-se os principais desafios por ela enfrentados em sua trajetória de vida, especificamente no que diz respeito à sua inserção no ensino regular.

Além disso, será explicitada sua atuação como colunista do canal E-Braille, (mantido pela Rede Anhanguera de Comunicação – RAC), e serão delineadas as iniciativas realizadas por este canal em prol da inclusão e da acessibilidade. Serão também pontuadas as principais tecnologias assistivas atualmente disponíveis (tais como: softwares leitores de tela, programas de reconhecimento ótico de caracteres e impressoras Braille), as quais permitem que as pessoas cegas tenham acesso ao universo do conhecimento e da informação. Pretende-se, por fim, discorrer sobre os meios pelos quais estes recursos possam estar ao alcance das escolas, de modo que elas se tornem ambientes verdadeiramente inclusivos. Em relação a este aspecto, será abordado especialmente o papel do professor como agente deste processo, e serão suscitadas reflexões acerca das barreiras atitudinais a serem rompidas em prol de sua efetivação.

Palavras-Chave: mídia, inclusão, deficiência visual

1. INTRODUÇÃO

A Palavra Inclusão tem sido amplamente utilizada em diversos contextos, dentre os quais se destaca o campo da Educação. Muitas vezes faz-se dela um uso indiscriminado, sem que se busque defini-la apropriadamente.

Com frequência a palavra inclusão aparece associada estritamente a pessoas com deficiência. Esta associação se faz presente no discurso de alguns educadores que, ao receberem um aluno com deficiência em sua turma, habitualmente dizem: "Recebi em minha turma um aluno de inclusão". Implícita a essa fala está a idéia de que aquele aluno, diferentemente dos demais, possui características especiais, e por isso precisou ser inserido de um modo particular e programado naquela turma.

Sua inserção pressupõe, segundo essa perspectiva, um planejamento formal, um preparo prévio dos professores, que se fez por força de alguma lei ou decreto que a previu.

Esta constitui uma visão reducionista e pouco apropriada a respeito da inclusão, a qual, no presente trabalho, tenciona-se questionar.

Em uma perspectiva mais abrangente, a inclusão pressupõe a garantia de acesso ao conhecimento por parte de todos os alunos, independentemente de suas condições (Mantoan, 2003).

Os alunos com deficiência não são concebidos como alunos especiais que precisam particularmente ser incluídos. Segundo esse paradigma, a diversidade está presente entre todos os alunos e aqueles que apresentam alguma deficiência são tão diferentes quanto os demais.

Não existe a categoria "diferentes" em contraposição aos "não-diferentes". As diferenças permeiam todas as pessoas e por isso não se busca rotular ou classificar os indivíduos em segmentos pré-estabelecidos.

Em consonância com essa concepção, Silva (2002) afirma que "a diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade". Por meio dessa afirmação, o autor propõe a desconstrução da já referida dicotomia entre as pessoas diferentes e não-diferentes, pressupondo que todos os seres humanos sejam igualmente diferentes entre si.

O presente trabalho está alicerçado na experiência pessoal e profissional de sua autora, uma pessoa com deficiência visual, cuja trajetória de vida foi permeada pela inclusão. Tendo cursado o Ensino Fundamental, Médio e Superior em ambientes educacionais regulares, a autora sempre buscou, tanto quanto possível, atuar como protagonista de seu processo de

formação. Por ter iniciado seus estudos na década de 1980, ela enfrentou alguns desafios inerentes ao contexto educacional vigente naquele período. Tratava-se de uma época em que o tema da inserção de pessoas com deficiência no ensino regular era muito raramente abordado, não havendo a implementação de políticas consistentes a esse respeito. Assim, essa inserção dependia basicamente de uma iniciativa individual e de ações desenvolvidas por instituições locais.

Durante sua formação, a autora se viu impelida a vencer inúmeros desafios, diante dos quais procurou conceber estratégias de enfrentamento. Para tanto, ela contou com uma importante rede de apoio, constituída por instâncias como família e escola (esta, por sua vez, abrangendo a comunidade docente e discente).

A autora atua como Colunista do Canal E-Braille – criado e mantido pela RAC - e busca, por meio deste trabalho, partilhar suas próprias vivências e concepções acerca da inclusão. Este campo de atuação a tem feito refletir constantemente sobre o papel da mídia no que se refere ao apoio a questões ligadas a essa temática.

Pressupõe-se que a mídia, ao abordar um determinado assunto, transmite implicitamente uma dada concepção acerca do mesmo. Assim, é especialmente relevante que se tenha um olhar crítico a respeito de como o tema da inclusão e da acessibilidade vem sendo veiculado pelos meios de comunicação.

Além disso, faz-se necessário problematizar as relações entre a mídia e essa temática, sob a perspectiva do cenário atual, em que se verifica um crescente avanço da tecnologia, e em que, por conseguinte, as informações são disseminadas de um modo cada vez mais veloz e dinâmico.

A este respeito, deve-se considerar que, atualmente, as pessoas com deficiência visual dispõem de recursos tecnológicos que garantem o acesso igualitário à informação, e com os quais elas não podiam contar há alguns anos. Dentre eles, destacam-se os softwares leitores de tela, que permitem a utilização de ferramentas computacionais, incluindo a leitura e produção de textos e o acesso à Internet. Existem também softwares com reconhecimento óptico de caracteres que possibilitam o escaneamento de publicações e a conversão das mesmas em texto.

Estes recursos estreitam as relações das pessoas cegas com a leitura, por favorecerem o contato delas com livros, jornais e demais periódicos, sobretudo em formato eletrônico. A possibilidade de que essa população amplie o acesso aos meios de comunicação requer que as instituições ligadas à mídia se voltem para a realidade dessas pessoas.

Assim, frente ao surgimento dessa tecnologia, a mídia passa a contemplar o universo relativo a essa população, que se torna receptora das informações transmitidas e, ao mesmo tempo, geradora de conteúdos a serem veiculados. Portanto, a mídia se torna um espaço privilegiado para a disseminação de temas ligados à inclusão e à acessibilidade, e por conseguinte, pode promover uma sensibilização do público em geral acerca desta temática.

2. OBJETIVOS

. Problematizar as interrelações entre a mídia e a inclusão, destacando-se os papéis dos meios de comunicação como promotores de práticas inclusivas;

. Abordar as iniciativas desenvolvidas pela Rede Anhanguera de Comunicação (RAC) por meio do Canal E-Braille, em prol da inclusão e da acessibilidade.

3. METODOLOGIA

Tendo em vista a disseminação de idéias e práticas que contemplam a temática da inclusão e da acessibilidade, a Rede Anhanguera de Comunicação é responsável pela criação e manutenção do Canal E-Braille, que pode ser acessado em

http://cosmo.uol.com.br/institucionais/diario_braille/?id=79

Sendo este uma ferramenta digital, sua abrangência é irrestrita, de modo que todas as pessoas têm a possibilidade de acessar seu conteúdo. Assim, ele consiste em um canal essencialmente inclusivo, o que condiz com sua própria proposta de atuação.

No E-Braille busca-se veicular notícias atualizadas, não apenas relativas ao universo específico das pessoas com deficiência visual, mas que também, de algum modo, contemplem a questão da diversidade e do convívio com as diferenças.

Dentro desse canal, destaca-se também a Coluna Ponto de Vista: um espaço semanal de reflexão e partilha de experiências. Conforme sugere o próprio título da coluna, busca-se nela refletir sobre as múltiplas dimensões do olhar, e tem-se como inspiração o universo de pessoas com deficiência visual. Nesses textos, tem-se também abordado a importância da escrita Braille para essa população, enfatizando-se que, o uso desse código representa um recurso imprescindível à vida pessoal e profissional dos cegos, não obstante o surgimento de novas ferramentas. Busca-se assim, superar os mitos que possam ser criados em torno do

Braille, conforme sugere Reily (2004), de modo a consolidá-lo como um sistema de escrita insubstituível.

Além dessas iniciativas, o E-Braille se mostra aberto e receptivo a contribuições dos leitores, o que torna possível o contato com uma ampla rede de informação acerca dos temas abordados.

A abrangência do E-Braille permite que seu conteúdo seja utilizado em diversos contextos, incluindo-se a escola, como um espaço em que as ideias publicadas e disseminadas sejam fomentadas e debatidas. Desse modo, o E-Braille favorece a inserção destas reflexões especialmente no ambiente escolar, cabendo aos professores o incentivo para que os alunos possam ter contato com esse conteúdo. Com base na realidade de cada instituição, podem ser promovidas discussões relativas a esse tema, a partir das quais cada escola possa desenvolver ações concretas em prol da acessibilidade.

4. CONCLUSÃO

Ao serem problematizadas as interrelações entre a mídia e a inclusão, faz-se necessário que se volte o olhar para a escola como um ambiente propício à formação de valores inerentes às práticas inclusivas.

Tais práticas devem fazer parte do cotidiano escolar, concretizando-se por meio do convívio com as diferenças, entendidas como uma condição que naturalmente existe entre todos os seres humanos.

A Inclusão, como princípio a ser implementado pelas escolas, não visa atender às demandas de uma determinada parcela dos alunos, mas sim às demandas de toda a comunidade. Isto requer o rompimento de barreiras atitudinais, o que pressupõe a construção de paradigmas inovadores e modos inéditos de se pensar sobre a questão da diversidade.

Nesse contexto, os meios de comunicação podem atuar como instrumentos de disseminação destes valores cultivados pela escola. Por meio das experiências relatadas no presente trabalho, busca-se lançar sementes e abrir caminhos para que a mídia possa atuar como uma poderosa ferramenta em favor da inclusão. Espera-se que o Canal E-Braille, aqui referenciado, suscite reflexões sobre os modos como a mídia possa atuar nesse sentido.

No âmbito dessas reflexões, espera-se que não haja uma única resposta pronta e acabada, mas sim uma trilha que gradativamente seja construída, mediante a formulação de novas perguntas e novos questionamentos.

5. REFERÊNCIAS

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar** – o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

REILY, Lúcia. **Escola Inclusiva**: linguagem e mediação. Texto. Campinas: Papirus, 2004 (Série Educação Especial).

SILVA, T. T.**Identidade e diferença**: impertinências. Educação e Sociedade, Campinas, v.23, n.79, 2002.

Rede Anhanguera de Comunicação. Canal E-Braille:

http://cosmo.uol.com.br/institucionais/diario_braille/?id=79